

caixão, votivamente, aquelas perpétuas de um roxo tão expressivo. Depois, mal contendo a emoção, descobriu-lhe o rosto, beijou-o na testa, que ainda recebeu algumas lágrimas. Uma pessoa da família dirigiu-se ao visitante. Quis saber quem ele era. — ‘Não sou ninguém, minha senhora. Sou um homem que leu e amou esse grande amigo dos desgraçados’⁽²⁶⁸⁾. Enéas Ferraz descreveu o enterro: “À tarde, o enterro saiu, levado lentamente pela mão dos raros amigos que lá foram. Mas ao longo das ruas suburbanas, de dentro dos jardins modestos, às esquinas, à porta dos botequins, surgia, a cada momento toda uma *foule* anônima e vária que ia se incorporando atrás do seu caixão, silenciosamente. Eram pretos em mangas de camisa, rapazes estudantes, um bando de crianças da vizinhança (muitos eram afilhados do escritor), comerciantes do bairro, carregadores em tamancos, empregados da estrada, botequineiros e até borrachos, com o rosto lavado em lágrimas, berrando, com o sentimentalismo assustado das crianças, o nome do companheiro de vício e de tantas horas silenciosas, vividas à mesa de todas essas tabernas. . .”⁽²⁶⁹⁾ Jornalista e escritor exemplar, Lima Barreto não contrasta com os vultos habitualmente situados como grandes, na imprensa e nas letras do seu tempo, por ter sido apagado e pobre, mas porque deixou um alto exemplo de dignidade, num e noutro dos ofícios, sendo mestre em ambos⁽²⁷⁰⁾.

As paixões políticas da época geraram acontecimentos graves na vida do país, sempre com a imprensa refletindo e estimulando aquelas paixões. As eleições brasileiras, com os tristes reconhecimentos na Câmara, em que a vontade dos poderosos levava a escandalosas depurações, haviam se transformado numa farsa monótona. O candidato José Viana Romanelli, em 1915, situava assim o problema: “É com repugnância e muito tédio, meus

(268) Artigo em *A Noite*, de 27 de novembro de 1922.

(269) Artigo em *O País*, de 20 de novembro de 1922.

(270) “Podemos, sem exagero, considerá-lo o primeiro dos modernos. A guerra de 14 e a revolução russa, que sobrevieram durante o seu período de atividade, embora não figurem nos seus livros de ficção — dos quais a maioria lhes é anterior — influíram fortemente, pelos problemas que suscitaram, no seu espírito. Ainda quando não são diretamente abordadas, as idéias dominantes de uma época se refletem sempre nos escritores que, como o autor de *Policarpo Quaresma*, só reagem violentamente contra o que os cerca porque a tudo se sentem indissolivelmente ligados. Lima Barreto foi bem um homem do seu tempo e da sua terra. Criticava asperamente o Brasil — não só nos romances e contos, como nos artigos de jornal (. . .) porque se sabia inteira e completamente brasileiro, preso ao seu país pela sensibilidade herdada de longínquos avós vindos da África e de Portugal, como mais de uma vez lembrou. (. . .) Realmente, há alguma coisa de simbólico na sua morte sob o signo da *Revue des Deux Mondes* e da *Semana de Arte Moderna*. Dois mundos se encontravam nesse morto cuja personalidade fora tão humanamente contraditória, cuja obra ousada representava a novidade firmemente apoiada na tradição, aproveitando, na fórmula do americano Van Wycks Brooks, o passado utilizável para preparar o futuro”. (Lúcia Miguel Pereira: op. cit., págs. 312/313).